



MOVIMENTO NOS HOSPITAIS – Caos diário poderia ser minimizado se toda a verba autorizada fosse efetivamente investida nas unidades de saúde do Distrito Federal

SAÚDE PÚBLICA

DF - SAÚDE

Sobram recursos, faltam projetos

Ainda restam R\$ 422 milhões disponíveis para a área este ano, ainda não investidos

Cristina Fausta

As emergências dos hospitais públicos do Distrito Federal estão lotadas todos os dias. Isso, não é novidade. No Hospital de Base, por exemplo, são atendidas pelo menos 600 pessoas diariamente. Nas unidades regionais, a situação não é diferente. Em Taguatinga, o número varia de 900 a 950 pessoas/dia, em dez especialidades, e em Ceilândia são 600 atendimentos e, entre os pacientes, há moradores de Samambaia, Brazlândia, Águas Lindas e Padre Bernardo.

A diretora do Hospital de Taguatinga (HRT), Sônia Maria Salviano, afirma que um dos problemas que resultam na superlotação nos pronto-socorros é a falha na atenção básica à saúde, trabalho desenvolvido pelas equipes dos programas de saúde da família e pelos centros de saúde.

Não faltam recursos para serem investidos na área. Segundo dados extraídos do site da Secretaria de Saúde, até o dia 21 de outubro, o orçamento de 2008 já tinha R\$ 1,6 bilhão em recursos autorizados. Deste total, R\$ 1,2 bilhão foram empenhados, ou seja, ainda há R\$ 422 milhões disponíveis, dinheiro que, se não for utilizado até o final do ano, não poderá ser reaprovedado em 2009. A utilização dos recursos depende da elaboração de projetos. E é aí que o processo emperra. No plano de trabalho da secretaria deste ano, há a previsão para construções e reformas de pelo menos 30 centros de saúde, mas até agora, nenhum recurso foi empenhado por falta de projeto.

No ano passado, só a bancada do DF na Câmara dos Deputados apresentou duas emendas ao orçamento para a área de saúde. Uma destinava R\$ 17 milhões ao Hospital de Base e outra, R\$ 11 milhões à Escola de Enfermagem. O deputado Jofran Frejat (PR-DF) também fez emendas individuais, que previam R\$ 1 milhão para a Unidade Materno Infantil do HRT, R\$ 2 milhões para o Hospital Regional da Asa Norte e R\$ 300 mil para serem investidos no Centro de Saúde do Recanto das Emas.

Retorno ao modelo

O deputado federal Jofran Frejat (PR-DF), que foi secretário de Saúde do DF por duas vezes, disse que não sabe se os recursos das emendas federais foram liberados para a utilização, mas criticou a

falta de projetos para aplicação da verba disponível.

– É responsabilidade da Secretaria de Saúde do GDF elaborar esses projetos e apresentá-los à Secretaria de Planejamento e Gestão. Fico frustrado ao ver a decadência do sistema de saúde do DF, modelo este que ajudei a implementar. A população tem direito a um atendimento de qualidade, mas para isso é necessário ter uma política permanente de saúde, comentou o deputado.

No modelo de sistema de saúde implementado no DF, a base do trabalho concentrava-se no atendimento preventivo, realizado de casa em casa, nos postos de saúde, depois nos hospitais regionais e, em último caso, o atendimento no Hospital de Base, instituição idealizada, a princípio, para a realização de procedimentos de alta complexidade.

Do ponto de vista prático, Sônia Maria aponta que um dos problemas que envolvem a atenção básica à saúde hoje é cultural. Le-

Se os projetos não ficarem prontos a tempo, os recursos restantes serão perdidos

vantamento feito pelo Hospital Regional de Taguatinga no mês passado demonstrou que a maioria dos pacientes que vai aos pronto-socorros não passou antes por um centro de saúde. Esse comportamento dá por dois fatores: falta de credibilidade e escassez de postos em algumas áreas do DF.

Desde janeiro deste ano, o HRT começou um trabalho de acolhimento e classificação de risco nos atendimentos realizados no hospital na tentativa de desafogar o atendimento de urgência. Também foi feito um trabalho com os profissionais que atuam nos postos de saúde da cidade para que orientem as comunidades a resolvam seus pequenos problemas nos postos, como descreveu Sônia Maria.

– O ideal é que as pessoas procurem os postos de saúde e, caso seja um caso emergencial, o paciente será encaminhado ao hospital. Reverter esta situação é um desafio dos agentes de saúde. Mas é importante destacar que a secretaria tem de reestruturar a atenção básica à saúde – comentou a diretora do hospital de Taguatinga.



AUGUSTO CARVALHO – Secretário admite que a burocracia e a falta de pessoal atrasam os projetos

Emendas são insuficientes, diz secretário

Há dois meses como secretário de Saúde, Augusto Carvalho afirma que existe uma força-tarefa na secretaria para que o máximo de recursos sejam executados. Ele explicou por que há tantas construções de postos de saúde previstos, mas sem nenhum recurso empenhado. Segundo ele, as emendas feitas ao orçamento pelos deputados do DF da bancada federal não se encaixam aos planos de obras do governo para a área de saúde.

– De fato, existe uma série de construções de postos previstos no orçamento da Saúde. Mas temos que destacar que boa parte desses recursos tem como origem emendas dos deputados e essas rubricas são insuficientes para a execução total de uma edificação – comentou o secretário.

A maioria dos recursos alocados para a construção destes postos não passa de R\$ 100 mil, valor, segundo o secretário, insuficiente para edificar e equipar um posto de saúde.

A secretaria tem outras estratégias para incrementar a saúde básica no DF. Augusto Carvalho des-

“ Os projetos esbarram na burocracia da licitação e na dificuldade que a secretaria tem de elaborá-los

Augusto Carvalho,
secretário de Saúde

tacou que sua gestão está empenhada em inverter a realidade vivida hoje pelos hospitais. A estratégia, segundo ele, é retomar a atenção ao programa Saúde da Família.

– Hoje, temos 75 equipes do programa atuando, mas 35 delas estão incompletas. Vamos remontar esses grupos e teremos outras 120 nas ruas em janeiro – afirmou o secretário.

Essas equipes são formadas por médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, dentistas e um agente

comunitário. Cada equipe tem um profissional dessas especialidades.

Falta de projetos

O secretário admitiu a dificuldade que o governo tem de elaborar projetos para a liberação dos recursos. Segundo ele, a burocracia e a falta de recursos humanos são obstáculos a serem vencidos para que os projetos saiam do papel.

– Os projetos esbarram na burocracia da licitação e na dificuldade que a secretaria tem de elaborá-los. Ainda assim, em uma semana, vamos inaugurar o posto de saúde da Estrutural e também estamos em fase de execução dos postos de Itapuã, Arapoanga, Mestre D' Armas e do Riacho Fundo – reiterou Augusto Carvalho.

A meta da secretaria é retomar os trabalhos de saúde preventiva e o atendimento básico de forma a atender a população do DF, que hoje é de 2,4 milhão de pessoas, segundo dados do IBGE, e ainda preparar o sistema para a demanda da população do Entorno, hoje estimada em 1,5 milhão de pessoas.